



A (DES)GENERIFICAÇÃO DOS CORPOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA POSSÍVEL DISCUSSÃO

Rafael Marques Garcia ¹
Dianne Cristina Souza de Sena ²
Jussiara Silva da Costa ³

RESUMO

As crianças, durante o momento de formação escolar, constroem-se a partir de relações socializantes e processos que reforçam a generificação corporal de acordo com o sexo biológico. Na Educação Física, pouco se discute sobre o modelo adultocêntrico e cisheteronormativo imposto às crianças de forma extremamente violenta. Assim, objetivamos problematizar a (des)generificação dos corpos de alunos e alunas do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro. Temos como questão a investigar: de que forma o discurso adultocêntrico e cisheteronormativo se materializa nas ações docentes do professor de Educação Física em questão? Para tanto, realizamos uma pesquisa encoberta, qualitativa e de tipo etnográfico, acompanhando dez aulas de uma turma de primeiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro. Colhemos nossos dados através da observação participante, registrando-os em diários de campo, posteriormente analisados. Encontramos uma espécie de regime que, corroborando com preceitos adultocêntricos e cisheteronormativos, contribui para a criação de meninos e meninas desde tenra idade, conferindo possibilidades divergentes para ambos e apenas neste jogo binário e antagônico de reconhecimento das identificações. Ainda, esse discurso é reiterado e naturalizado pelo professor responsável. É preocupante que este quadro se arraste por mais de décadas, sendo necessário revertê-lo através de discussões profundas e reflexivas, que instiguem a mudança de políticas e ações didático-pedagógicas, de professores/as, pais, mães e demais membros de uma sociedade democrática.

Palavras-chave: Educação, Educação Física, Normas de gênero, Criança.

INTRODUÇÃO

A escola, assim como outras instituições formais do Estado, é mais um dos dispositivos de controle e coeducação de corpos e sexualidades. Neste contexto, construir-se no espaço de educação requer uma série de introjeção de valores morais e sociais, posteriormente emanados para dialogar com o corpo social deste espaço em questão, bem como com outros entrelaces, tais como a família e o entorno da comunidade (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018).

Diante deste cenário, as crianças que frequentam este espaço e nele se constroem a partir de relações socializantes passam por um processo de reforço da generificação corporal

¹ Doutorando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, rafa.mgarcia@hotmail.com;

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal, diannesena@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso em Pedagogia pela Universidade Potiguar – UnP, Natal, jussiara@live.com.



de acordo com o sexo biológico, trazendo à tona discursos que pregam por uma inteligibilidade obrigatória entre esse sexo, o gênero ao qual o sujeito deve se reconhecer e os desejos aos quais deve cultivar. Diversos autores e autoras já apontaram essa problemática como um dos fatores a serem repensados no contexto escolar, uma vez que legítimas práticas discriminatórias, excludentes e que não respeitam, tampouco reconhecem e/ou valorizam, as diferenças e diversidades (BRITO; SANTOS, 2013; ALTMANN, 2015; COUTO JUNIOR; BRITO, 2018; COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018; COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018; GARCIA; BRITO, 2018; SILVA JÚNIOR; BRITO, 2018).

Face ao exposto, o componente curricular de Educação Física emerge como uma das principais disciplinas em que as diferenças e desigualdades entre os corpos explode de maneira significativa, impactante e preocupante se observarmos os inúmeros relatos de violência e atos repressores cometidos contra os sujeitos que desviam das normas não heterossexuais. Essas questões já veem sendo discutidas desde os anos de 1990, com Sousa (1994), Sousa e Altmann (1999), Altmann (1999; 2002; 2015), Goellner (2005; 2007; 2010; 2013), Pereira (2008; 2009; 2010), entre outros/as, todavia, embora 30 anos já tenham se passado, são poucos os relatos que subvertem esse quadro alarmante de preconceitos e resistências na Educação Física escolar (GARCIA, 2019).

Um aspecto que é muito importante a se observar neste quesito, mas que pouco vem sendo trabalhado nos estudos sobre gênero e Educação Física, é a problematização dos preceitos adultocêntricos que recaem às crianças através de modelos heteronormativos e cisgêneros. Os estudos que fazem essas intervenções ainda se encontram majoritários no campo da Educação, dentro os quais citamos Couto Junior, Oswald, Pocahy (2018) e Couto Junior, Pocahy e Oswald (2018). Em ambos, a autoria problematiza como as crianças que se apresentam de maneira subversiva ao que se entende por uma infância “normal” sofrem certos estigmas e são desvalorizadas através de discursos imperiosos, um mecanismo de defesa que é acionado para manter a cisheteronormatividade também sobre o que se entende por fase de infância.

Percebe-se que esse regime político se constitui por toda a vida, mas é na infância que passa a ser concretizado através de saberes hegemônicos e verticais, isto é, pela desvalorização da potência de reconhecimento e identificação que o corpo e o desejo de uma criança representam neste universo simbólico. Ao contrário desse espaço em que a escola insiste em reproduzir seus modelos e parâmetros de ensino, aprendizagem e convivência tradicionais (LOURO, 2010), as crianças, na categoria infância de modo geral, precisam ter

voz e participar de forma ativa das construções plurais e valoradas dos preceitos considerados importantes e válidos para a comunidade às quais estão inseridas.

É destas discussões que emerge este trabalho, tendo por objetivo problematizar a (des)generificação dos corpos de alunos e alunas do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro. Temos como questão a investigar: de que forma o discurso adultocêntrico e cisheteronormativo se materializa nas ações docentes do professor de Educação Física em questão?

A justificativa para este trabalho é o fato de a Educação Física ainda ser um espaço problemático de vivência e experenciação dos corpos, uma vez que reforça dicotomias entre os sexos, estimula um discurso de desigualdade fisiológica entre homens e mulheres, reforça a binariedade de gênero e por vezes é um local extremamente hostil para pessoas que fogem dos modelos cisheteronormativos imputados pelos/as atores/atrizes sociais que permeiam e atuam neste momento do saber (GARCIA, 2019). Assim, almejamos contribuir para a amplificação desta discussão neste componente curricular, uma vez que urge a necessidade de se reverter este quadro através de discussões profundas, reflexivas e que instiguem a mudança de políticas e ações didático-pedagógicas, de professores/as, pais, mães e demais membros de uma sociedade democrática.

METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como qualitativo e do tipo etnográfico (GEERTZ, 1989). Para o autor, a etnografia é um dos modelos mais clássicos de pesquisa desenvolvido por antropólogos, sendo utilizado para se observar e conhecer os hábitos e costumes de um povo, um grupo ou uma forma de se partilhar as experiências cotidianas de sujeitos em suas mais variadas sociabilidades.

Este tipo de intervenção visa mergulhar e se aprofundar de maneira proveitosa nos fenômenos que se manifestam, buscando entender os motivos, os significados e a representatividade que determinadas práticas desempenham e/ou exercem nos espaços observados em questão. Para tanto, trazemos nesse trabalho descrições detalhadas acerca de alguns eventos que são por nós problematizados, contribuindo para uma leitura crítica e um viés interpretativo da realidade do/a outro/a justamente através da prática etnográfica (GOELLNER et al, 2010).

Para tanto, trazemos registros de vivências pessoais de um dos autores em seu momento de estágio na disciplina de Educação Física em uma escola municipal da zona norte

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br

www.desfazendogenero.com.br

do Rio de Janeiro durante o ano de 2016. Foram acompanhadas cerca de dez aulas, durante um mês, deste componente, sempre registradas em um diário de campo logo após o término de cada uma. Durante a realização das mesmas, o referido autor auxiliava o professor nas atividades que este propunha, tenho executado, portanto, uma observação participante, sem, no entanto, interferir nas manifestações observadas e que foram alvo de problematizações neste estudo em questão.

Embora o tempo de permanência do pesquisador tenha sido pouco no que tange a uma experiência etnográfica (GEERTZ, 1989), acreditamos que a pesquisa assim se configurou em função do vínculo estabelecido pelo mesmo e os sujeitos da pesquisa: 13 estudantes meninos e 15 estudantes meninas do 1º ano do ensino fundamental, com idade entre 6 e 7 anos, matriculados de forma devida e frequentando de maneira regular as atividades escolares. O professor responsável pela turma também foi observado.

Para estabelecer os contornos éticos da pesquisa, resguardamos o sigilo de todos/as os/as participantes e, de acordo com a Resolução 510/2016⁴ do Conselho Nacional de Saúde, desenvolvemos um estudo encoberto, isto é, sem que os/as pesquisados/as tivessem consentimento de que o mesmo estava sendo realizado. O motivo para esta adoção epistemológica se deu em função de que, ao saber da realização da pesquisa, os achados poderiam ser influenciados pelos/as participantes.

Também, cabe frisar que tentamos estabelecer uma relação horizontal do conhecimento entre crianças e adultos, evitando assim a visão adultocêntrica de que apenas os adultos detém o saber e/ou dominam conceitos do que são e/ou devem fazer as crianças, como devem se relacionar, se entender, brincar etc (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018). Assim como os autores, “Defendemos que essa relação horizontal seja cultivada com as crianças no cotidiano do tempo-espaço escolar através de uma postura dialógica e alteritária na qual permanecemos à disposição para ouvir-questionar o outro” (p. 59), promovendo tensões e rupturas de saberes hegemônicos e compulsoriamente impostos às crianças como verdade absoluta.

Para tanto, sistematizamos nossas discussões abaixo em dois blocos, sendo o primeiro para relatar dois acontecimentos que nos chamaram a atenção em função do objetivo e o segundo para tecer nossas inferências à luz dos devaneios desta pesquisa. Vale frisar de maneira contundente que os dois episódios a seguir foram selecionados por representarem de maneira fidedigna e maior todos os demais eventos vislumbrados ao longo das dez aulas

⁴ RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Disponível em: <
<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>.

observadas. Assim, não estamos generalizando de maneira leviana os resultados, mas apenas expandindo as interpretações de acordo com o que foi majoritariamente explicitado via fenômenos e acontecimentos práticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

RELATOS DO DIÁRIO DE CAMPO

1. 04/10/2016 – [...] Enquanto o professor organizava materiais pela quadra, sendo eles cones, cabos de vassoura, bolas de borracha e pequenos sacos de areia, os alunos e alunas corriam livremente pelo pátio sob minha supervisão. Os meninos gostavam de empurrar seus colegas, imitar alguns de seus personagens favoritos nos desenhos animados e/ou no universo dos heróis, como Homem Aranha, Hércules, Batman e Superman. Apenas dois deles se aproximaram de mim para me impressionar com alguma habilidade corporal da qual já dominavam, como equilibrar-se em apenas um dos pés ou realizar uma “estrelinha”. Já as meninas, quando não estavam correndo livremente, reuniam-se em pequenos círculos para conversar sobre como seu sapato era bonito ou o seu lacinho de cabelo, numa espécie de competição de quem era a mais feminina entre elas. As frases que cheguei a ouvir foram: “Meu tênis é mais bonito que o seu”, “Mas minha meia é rosa e a sua branca”, “Sou mais bonita que vocês porque uso batom”.

Ao terminar de arrumar o material pela quadra, o professor reuniu a turma para explicar a atividade que seria desenvolvida (uma espécie de circuito, onde cada pessoa em ação deveria percorrer a quadra de uma linha de fundo do futsal à outra conduzindo um saquinho de areia nos ombros, depois pular sequencialmente por dez cones, retornar ao meio da quadra conduzindo uma bola com os pés e tentar equilibrar um dos cabos até a linha de fundo de onde havia saído).

Nesta dinâmica, os meninos revelaram-se sem paciência alguma entre eles, sempre querendo passar à frente uns dos outros para realizar a atividade. Entretanto, foram mais impacientes com as meninas, alegando que elas deveriam ir ao pátio e que ali era o espaço deles (não consegui contabilizar a quantidade de vezes que ouvi esta frase, uma vez que foram muitas). O professor respondeu apenas uma vez, dizendo que era para as meninas participarem, porém não coibiu a ação dos meninos que proferiam esse discurso.

Embora quisessem participar, foi possível perceber que as meninas tiveram seu espaço de participação diminuído e meio que aceitaram essa imputância ao irem se retirando aos poucos da quadra para a arquibancada. Ao final da aula, sete delas já se encontravam sentadas

novamente discutindo sobre sapatos, meias e maquiagem. O professor ficou sentado em uma cadeira observando a aula, em alguns momentos, enquanto fazia observações em seu diário de classe [...].

2. 08/11/2016 – [...] Ao chegarem na quadra, os meninos passaram a correr, se empurrar e simular pequenos combates entre si através de socos e pontapés. Somente um deles não quis participar desta dinâmica, mantendo-se alheio e apenas fugindo das investidas de seus colegas. Ficou clara uma divisão entre os grupos, já que as meninas passaram a mexer nos cabelos umas das outras, fazer poses e desfilar para imitar algumas celebridades por elas citadas: Gisele Bündchen, Anita, Ludmila e Ivete Sangalo.

O professor, ao chegar na quadra, sentou-se na cadeira e começou a preencher os diários de classe com algumas informações, deixando a turma livre para realizar as atividades que bem entendessem. Assim, os/as estudantes continuaram realizando as atividades supracitadas durante dez minutos. Os meninos novamente passaram a se identificar com os ícones heroicos que os inspiravam.

Após esse período de tempo, o professor levantou-se e propôs algumas brincadeiras à turma, solicitando que todos/as formassem uma fila e obedecessem aos seus comandos de “morto” e “vivo”. Conforme os/as estudantes iam errando o comando (abaixar-se ou levantar-se), sentavam-se e aguardavam a brincadeira se reiniciar.

A brincadeira seguinte consistiu da turma formar um trezinho e passear pela quadra repetindo o cântico do professor. Os meninos sempre empurrando seus companheiros (acredito que o ato de empurrar foi a grande diversão do momento). Depois, o professor pediu que a turma personificasse seus personagens do início da aula e passassem a brincar entre si. A turma ficou livre para tal, mas novamente notou-se que os meninos figuravam heróis e as meninas as celebridades da moda e/ou música. O professor sentou-se novamente e passou a ler o jornal [...].

PROBLEMATIZANDO OS ACONTECIMENTOS SUPRANARRADOS

O que se evidencia nos dois relatos que aqui trazemos é uma espécie de determinantes estabelecidas entre os corpos de meninos e meninas e um discurso cisheteronormativo adultocêntrico que reverbera no cenário em questão. Embora a proposta metodológica fosse estabelecer uma relação de horizontalidade e alteridade para com as crianças (COUTO JUNIOR; POCAHY; OSWALD, 2018; COUTO JUNIOR, OSWALD; POCAHY, 2018), essa relação ficou levemente comprometida em função da postura do regente da turma que, por solicitação prévia, pediu que o estagiário não intervisse em suas propostas, podendo participar

(83) 3322.3222

contato@desfazendogenero.com.br
www.desfazendogenero.com.br

apenas como seu ajudante (carregar materiais, conter a dispersão da turma e vigiar as atividades dos/as estudantes para que não realizassem nada que lhes conferisse risco).

Um fenômeno que chama atenção neste cenário é como as crianças, e conseqüentemente a categoria compreendida como infância, pelo menos neste momento, encontra-se à mercê de uma indústria cultural consumidora de ideais e perspectivas adultocêntricas: a personificação de meninos em heróis fortes e combatentes, próprios de modelos masculinos e viris, e de meninas em modelos de passarela ou cantoras notoriamente reconhecidas, é um ponto a ser repensado. De onde vem o significado e a valoração a essas figuras? O que representam para as crianças em questão? Como isso interfere no processo de reconhecimento identitário e das brincadeiras durante as aulas de Educação Física escolar?

Pereira e Garcia (2018), Garcia e Pereira (2018) e Garcia, Silva e Pereira (2019) problematizam nessas três oportunidades como o discurso cinematográfico recai às crianças através destes padrões cisheteronormativos hegemônicos que (des)qualificam e (des)valiam meninos e meninas. Eles e elas, portanto, reconfiguram-se a partir desses modelos adultocêntricos, ainda que de forma inconsciente e ingênua, já que apenas reproduzem esses modelos ao consumi-los, ao que tudo indica, de forma acrítica, descontextualizada e pouco discutida. Portanto, à luz de Louro (2010), as pedagogias da sexualidade se (re)constroem a partir das práticas escolares, contribuindo para a construção bi-generificada de corpos desde tenra idade (PEREIRA, 2008; 2009; 2010; GOELLNER, 2010; PARAÍSO, 2011; REIS; PARAÍSO, 2013; ALTMANN, 2015).

Atrelado às identidades de gênero fixas aos determinismos masculinos e femininos, os corpos não são instigados a pluralizar suas vivências e possibilidades de compreender-se enquanto crianças e/ou pertencentes a um universo infantil diversificado. Pelo exposto, a infância, neste momento do primeiro ano, já se remodelou a um/a adulto/a precoce, que se vale das atitudes de homens (fortes, viris, que empurram e impõem respeito através da ocupação do espaço) e de mulheres (comentar sobre o vestuário, utilizar maquiagem, mexer nos cabelos, desfilar ou cantar conforme figuras públicas).

Assim, a construção de masculinidades em meninos durante a Educação Física é constantemente exacerbada, vigiada e reproduzida através de elementos que os marcam neste processo (BRITO; SANTOS, 2013; GARCIA; BRITO, 2018; SILVA JÚNIOR; BRITO, 2018). Já às mulheres, conferem-lhe os elementos graciosos, das belezas de cantoras ou atrizes, todas adultas, com movimentos ritmados, sensualizantes e próprios desta matriz considerada naturalmente feminina (GOELLNER, 2007; 2010).

À luz de Couto Junior, Oswald e Pocahy (2018), ao compreendermos nosso papel enquanto educadores, é fundamental que desafie as normas fixas e rígidas que nos recaem através das ações político-pedagógicas. Sendo assim, precisamos entender a categoria de infância enquanto fundamental para as problematizações de conceitos forçosamente enquadrados em normais, retos e silenciadores que recaem ao corpo de crianças nos momentos das aulas de Educação Física escolar, o que, infelizmente, não foi evidenciado, tampouco explorado, pelo docente responsável, o que é grave no que tange ao educar⁵ de pensamentos, corpos e opiniões em uma sociedade crítica, democrática e inclusiva.

Em suma, o que se pôde evidenciar foi a ausência de discussões potencializadoras das expressividades corporais infantis, possibilitando apenas a vivência e reprodução de modelos já estabelecidos e contrários aos modelos desviantes, ou *outsiders*, pré-estabelecidos e determinantes. Esse conceito de *outsider* por nós acionado encontra alicerce em Elias e Scotson (2000), que sugerem uma relação de mão dupla entre sujeito(s) dominante(s) e dominado(s) através de relações de poder contextualizadas. Nestas, o grupo hegemônico, tido como “estabelecido”, (re)afirma sua posição em constante oposição aos “*outsiders*”, representados como inferiores e, portanto, dominados. Nesta perspectiva, a cisheteronormatividade, bem como o adultocentrismo, configuraram-se enquanto regimes estabelecidos, sendo as demais expressões dissidentes, logo subalternizadas, ou *outsiders*. Exemplos disso são a ocupação dos espaços pelos meninos, a constante necessidade de construir suas masculinidades combatentes e a estratificação de valores às práticas corporais dos grupos estabelecidos em questão.

Neste quesito, a infância passou a ser deslegitimada, bem como os processos que reconhecem e validam sua importância no que se refere à horizontalidade das vivências e troca de saberes/experiências, cristalizando os processos que silenciam ainda mais essa categoria e se traduzem em um círculo vicioso que (re)nega, oprime e força corpos a se encaixarem em padrões de vida fixos, monótonos, singulares e valetudinários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁵ Esclarecemos aqui a diferença entre os termos “educar” e “doutrinar”. A primeira refere-se à transmissão de crenças e valores, desenvolvendo conjuntamente as capacidades de análise de valor(es) e avaliações críticas, já a segunda é tomada como termo pejorativo que almeja impor crenças e valores sem estimular e/ou propiciar o exercício crítico do ouvinte (HILL, 1981).

Este trabalho objetivou problematizar a (des)generificação dos corpos de alunos e alunas do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública do Rio de Janeiro, analisando dois episódios ocorridos nas aulas durante o período letivo de 2016, que resumem de forma fidedigna os dez encontros observados. Nossos principais resultados apontaram para uma construção desde cedo já muito generificada de estudantes, segundo uma lógica binária, cisheteronormativa e adultocêntrica que limita as possibilidades de amplificação e vivências das inúmeras formas de se entender e compreender-se enquanto criança na Educação Física escolar.

Neste sentido, os corpos não são estimulados às diversidades da cultura corporal do movimento, ficando reclusos a modelos que são cultuados de forma precoce pela cultura e sociedade aos quais estamos inseridos/as e fazemos parte. A ação docente contribuiu para seccionar essas possibilidades e naturalizar, ainda que de forma dúbia, os preceitos aqui problematizados, prejudicando, assim, o máximo proveito dos/as estudantes por ele assistidos/as.

É preocupante que este quadro, que já se arrasta por mais de décadas, continue sendo vislumbrado. Urge a necessidade de revertê-lo através de discussões profundas e reflexivas, que instiguem a mudança de políticas e ações didático-pedagógicas, de professores/as, pais, mães e demais membros de uma sociedade democrática. Acreditamos que este trabalho seja um possível contribuidor para tal e recomendamos a continuidade das pesquisas que versem sobre a temática para melhorar e, possivelmente, minimizar as problemáticas aqui discutidas.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015.
- ALTMANN, Helena. Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 9-20, 2002.
- ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 157-174, 1999.
- BRITO, Leandro Teófilo de; SANTOS, Mônica Pereira dos. Masculinidades na Educação Física escolar: um estudo sobre os processos de inclusão/exclusão. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 235-246, abr./jun. 2013.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; BRITO, Leandro Teófilo de. “Vocês conhecem algumx ‘heterossexual flexível’?”: masculinidades performativas em debate. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 81-97, jan./mar. 2018.
- COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza; POCAHY, Fernando. Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 124-137, jan./abr. 2018.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 55-74, 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GARCIA, Rafael Marques. **Desdobramentos da heteronormatividade na formação de professores de educação física em uma universidade pública do Rio de Janeiro**. 2019. 225f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos, Rio de Janeiro.

GARCIA, Rafael Marques; BRITO, Leandro Teófilo de. Performatizações *queer* na educação física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1321-1334, out./dez. 2018.

GARCIA, Rafael Marques; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Resenha do filme *Mulan* (2013): problemáticas de gênero. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 30, n. 54, p. 342-356, jul. 2018.

GARCIA, Rafael Marques; SILVA, Alan Camargo; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. As representações de corpo, gênero e masculinidades no filme “Hércules”. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 19-36, jun. 2019.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. p. 13-41.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Pesquisa qualitativa na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, jul./set. 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, p. 71-83, mar., 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, mai./ago., 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Niterói, v. 19, n. 34, p. 45-52, jun. 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.

HILL, Brian V. 'Education for Commitment' – A Logical Contradiction. *The Journal of Educational Thought (JET)/Revue de la Pensée Educative*, v. 15, n. 3, p. 159-170, dec. 1981.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In: LOURO, Guacira Lopes. (Org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-35.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Raciocínios generificados no currículo escolar e possibilidades de aprender. *In: LEITE, Carlinda; PACHECO, José Augusto; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; MOURAZ, Ana (Orgs.). Políticas, fundamentos e práticas do currículo*. Porto: Porto Editora, 2011, v. 1, p. 147-160.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. *In: ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa (Orgs.). Universo do corpo: Masculinidades e feminilidades*. Rio de Janeiro: Shape; 2008. p. 87-101.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. O masculino na Educação Física infantil: discursos e imagens. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**, São José do Rio Preto, v. 3, n. 1, p. 74-78, set. 2010.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Reflexões sobre práticas corporais, identidades e masculinidades. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 37-43, nov. 2009.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; GARCIA, Rafael Marques. Hércules. **Revista Gênero**, Niterói, v. 18, n. 2, p. 222-227, jan./mar. 2018.

REIS, Cristina d'Ávila; PARAÍSO, Marlucy Alves. A constituição de corpos guerreiros no currículo escolar. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1243-1266, out./dez. 2013.

SILVA JÚNIOR, Paulo Melgaço da; BRITO, Leandro Teófilo de. Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões. **Áskesis**, São Carlos, v. 7, n. 1, p. 26-38, jan./jun. 2018.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)**. 1994. 265f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 52-68, ago. 1999.